

O MITO FUNDADOR NA MINISSÉRIE A MURALHA

Cristina dos Santos Lovato

RESUMO[©]

Este trabalho investiga a identidade nacional brasileira através do mito fundador, no início do século XVII, encontrado nas falas dos protagonistas na minissérie *A Muralha*, com o objetivo de trabalhar aspectos da língua, história e cultura brasileira. O trabalho é parte do projeto de Formação de Professores de Português como Segunda Língua.

PALAVRAS-CHAVE: Mito fundador, identidade nacional e material didático.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar os materiais didáticos midiáticos elaborados e aplicados pelos bolsistas participantes do laboratório Português Língua Estrangeira (PLE), que possibilitam o ensino da língua alvo dentro de uma perspectiva intercultural.

A avaliação dos materiais didáticos de PLE nos mostra que muitas das atividades não exploram questões históricas e culturais da formação da identidade nacional. Por isso a mídia, através das minisséries, foi selecionada como recurso para desenvolver técnicas e estratégias de ensino e aprendizagem que apresentam a língua no seu ambiente social.

Para a elaboração desse material, foi escolhida a minissérie *A Muralha*, porque abrange o período histórico do início do século XVII, quando se inicia a formação da identidade nacional brasileira.

1 Revisão da Literatura

Para Benedict Anderson, citado em Silva (2000:73), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”. O autor argumenta que as diferenças entre as nações residem nas diferentes formas em que são imaginadas. As nações são “construções mentais” nas quais os sujeitos políticos se reconhecem como entidades políticas discretas, porém, essa imagem é “real” porque acreditamos que é verdadeira e nos identificamos emocionalmente com ela. Como que isso acontece? Por ser construída e

transmitida no discurso, predominantemente - nas narrativas da cultura nacional - a Identidade Nacional é produto do discurso, portanto é construída através de estratégias discursivas.

Segundo Hall (1999), a narração de uma cultura nacional contém cinco aspectos fundamentais que são narrativa da nação, ênfase nas origens, invenção da tradição, idéia de povo original e mito fundacional.

A narrativa da nação está relacionada com as estórias, cenários, paisagens, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que representam as experiências, as preocupações compartilhadas, as vitórias e as derrotas dando sentido à nação, ligando o cotidiano ao destino nacional reproduzido pela mídia, livros e cultura popular. Em relação à ênfase origem a identidade nacional é resgatada através de acontecimentos que apresentam os triunfos e perdas de uma nação preservando a continuidade, a intemporalidade. O terceiro ponto - a invenção da tradição- é um conjunto de práticas que busca impor certos valores e normas de comportamento através da repetição. Enquanto que a idéia de povo original está baseada no conceito de povo nativo, os primeiros habitantes que são resgatados no discurso histórico. O último elemento é o mito fundacional, que busca em tempos remotos a origem de um povo, remetendo a um momento crucial do passado em que algum acontecimento inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional, essa narrativa fundacional proporciona um laço sentimental entre os sujeitos de uma determinada comunidade.

Parafraseando Hall (1999), nós não nascemos com uma identidade nacional pré-estabelecida, ela é formada no interior da representação, por exemplo, nós só sabemos o que é ser brasileiro devido ao modo como o termo “brasilidade” foi construído discursivamente, como um conjunto de significados estabelecidos pela cultura nacional brasileira.

Complementando Hall, Chauí (2000) vê o mito fundador como a origem de crenças que temos hoje como “Brasil paraíso”, “Brasil terra do futuro”, dentre outras, a autora afirma que o mito fundador é constituído de três elementos: a

elaboração mítica do símbolo, isto é, a natureza como obra de Deus; a elaboração da história teológica como realização da vontade de Deus; e a elaboração jurídica-teocêntrica da figura do governante como monarca absoluto.

Devido à complexidade dessa temática, este artigo se deteve na análise do mito fundador, porque, na construção da identidade nacional, é comum a recorrência a esse elemento, quando a narrativa pública é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade.

2 Metodologia

Para desenvolver essa pesquisa foi necessário dividir o trabalho em três etapas. Primeiramente, dentre trinta e cinco tomadas que apresentam uma visão panorâmica da história, foram escolhidos três fragmentos para ilustrar a construção do mito fundador e um para exemplificar a desconstrução desse mito.

A análise pré-pedagógica dos enunciados está baseada em Fairclough (2001), para destacar as relações de poder nas interações com a distribuição de turnos, seleção e mudança de tópico, e abertura e fechamento de diálogo; constatando o grau de comprometimento que o enunciador tem com o enunciado através dos modalizadores e os tipos de processos verbais expressos pela transitividade.

Simultaneamente, foram observadas as estratégias discursivas propostas por, Wodak et al. (1999), para verificar como o mito fundador está materializado nas falas dos diálogos selecionados. A primeira estratégia é a de *contraste*, quando unidades lexicais criam diferenças através da comparação. Uma outra estratégia é de *valorização*, que pode ser percebida através de unidades lexicais que têm como função enaltecer. A quarta estratégia é a de *transformação*, a qual é percebida na ênfase nas diferenças; a quinta estratégia é a de *perpetuação*, quando são feitas atribuições positivas que visam enobrecer através da repetição.

3 Discussão da análise

O primeiro fragmento analisado é uma carta narrativa descritiva, redigida pelo irmão de Beatriz, para seu tio Dom Braz, avisando que sua irmã está a caminho do Brasil.

1 “Meu tio, escrevo-lhe desta Lisboa empobrecida e
2arruinada, neste reino português sobre o
3tacão de Castela.
4Mais livre e esperançoso deve estar vosmecê,
5nessa terra de
6onde vos chegam anúncios de maravilhas,
7nesse mundo novo
8tão longe desta velha e cansada Europa e tão
9perto do paraíso.
10Quando vosmecê ler essas linhas, minha irmã
11Beatriz já
12estará em alto mar e se vento houver chegará à
13Santos em
14dez semanas. Rogo que cuides dela como se
15vossa filha fosse
16nessa terra onde agora irá viver. Que Vosso
17Senhor 18eve
19Beatriz a Porto de Salvamento e ela
20seja recebida por vós como a ditosa e
21desejosa noiva de seu
22filho Tiago Olinto”.

Com total controle da interação o autor utiliza-se da modalização *deve* (l.3) e das estratégias discursivas de *contraste* (l.4-5), *comparação* (l.1-2-3-4-5) e *valorização* (l.4-5) para reforçar idéia de contraste entre Brasil e Portugal. É através dessas estratégias, pelas diferenciações e atribuições positivas (l.4-5) feitas para enaltecer o Brasil que observamos o primeiro constituinte do mito fundador a elaboração mítica do símbolo (l.5).

A ocorrência do verbo *dever* também está presente no diálogo 1 (l.14), entre Dom Jerônimo e Bento Coutinho, a respeito da caçada aos índios comandada por Bento Coutinho a pedido de Dom Braz.

1D): foram só essas pobre alminhas que
vosmecê trouxe?
2BC: dessa vez a caça não foi das melhores
Dom Jerônimo.
3D): graças a Deus nosso senhor Jesus Cristo!
Leve os para
4minha fazenda, mande vesti-las com decoro e
avise no
5colégio que chegaram mais ovelhinas para
nossa messe, essa
6aqui fica, esta fica perto de mim e de nosso
Senhor Jesus
7Cristo, quanto mais selvagem maior o mérito
da conversão,
8maior o gosto, entregue esta a Leonor.
..Quantas peças Dom
9Braz trouxe?

- 10BC: mais ou menos cinqüenta.
 11DJ: temos que salvá-las, informe-se do lugar onde será
 12 feito o leilão.
 13BC: comenta-se que será nas terras de João Antunes.
 14DJ: isso deve pagar a sua informação e a trabalhadeira...

Observa-se que nessa fala o uso do verbo *dever* é uma asserção cujo grau de certeza indica que a recompensa é suficiente pelo trabalho prestado sem deixar alternativa de contestação. É interessante ressaltar que a força do verbo *dever* marca a relação de poder entre os participantes. Nesse diálogo detectamos o segundo constituinte do mito fundador na fala do governante, através da estratégia de transformação, na recorrência a Deus (l.3): quando Dom Jerônimo dá graças a Deus que a caça não foi das melhores, o que ele está dizendo é que foi feita a vontade divina.

O terceiro fragmento é um diálogo entre Dom Jerônimo e Dona Ana sobre a consumação do casamento.

- 1DJ: se vosmecê deseja abraçar a mortificação, então, deverá 2escolher entre tantos instrumentos de martírio aquele que mais 3poderá vos elevar; cintos de couro, as palmilhas de cravos, 4coroa de espinhos, os chicotes 5... Qual deles Dona Ana?
 6DA: não haveria outros sacrifícios Dom Jerônimo?
 7DJ: vosmecê poderá acostar-se comigo para que conheçamos 8 finalmente.

Nessa fala temos o terceiro constituinte do mito fundador, palavra do governante. A primeira estratégia encontrada é a de transformação, através do uso do topos de pressuposição - de ser superior. Com o uso dessa estratégia, podemos perceber a relação de poder entre os participantes, pois quando qualquer escolha que um deles faça irá beneficiar o outro com mais poder, se Dona Ana não escolher entre um dos instrumentos de martírio, o casamento com Dom Jerônimo deveria ser consumado.

O quarto fragmento é um diálogo entre Margarida e Beatriz sobre as expectativas que Beatriz a respeito do Brasil.

- 1BT: vossa casa é tão linda Margarida, tão alegre, tão 2diferente de tudo o que vi, quantas

- rosas ... nunca iria 3imaginar que nessa terra eu iria encontrar rosas.
 4MG: vosmecê pensa que espinho não dá flor não é
 5prima

Essa cena apresenta a desconstrução de um dos elementos constituintes do mito fundador e foi analisada para destacar a estratégia de perpetuação existente na desconstrução de uma idéia que vinha sendo cultivada de "paraíso", quando Beatriz diz que não esperava encontrar rosas nessa terra e quando Margarida se refere a terra nova como "espinho"(l.4) .

CONCLUSÃO

A partir da análise das falas, concluímos que a minissérie *a Muralha* se presta aos objetivos do projeto de Português Língua Estrangeira, porque possibilitou a preparação e aplicação de material didático que explora não só aspectos lingüísticos, mas também estratégias discursivas, modalizadores, história e cultura brasileiras através de discussões sobre o construção da identidade nacional brasileira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUENO, E. *A Viagem do Descobrimento: A verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998.
- CHAUÍ, M. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. UNB, 2001.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. (trad.) Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 1999.
- NAPOLITANO, M. *Como usar a televisão na sala de aula*. São Paulo, SP: Contexto, 1999.
- SILVA, T. *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, T. *Teoria Cultural e Educação: Um Vocabulário crítico*. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 2000.
- WODAK, R. et.al. *The Discursive construction of national identity*. Edingburgh: Edingburgh University Press, 1999

NOTA

☐ Trabalho desenvolvido pela aluna Cristina dos Santos Lovato, do curso de Letras, 7º semestre, bolsista PROLICEN, sob orientação da profª. Ms. Ana Marilza Bittencourt do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas.